



HIPERSEXUALIZAÇÃO FRENTE AO EMPODERAMENTO: A OBJETIFICAÇÃO DO CORPO FEMININO EVIDENCIADA

Ana Kerlly Souza da Costa¹

Resumo

O presente trabalho objetiva discutir a Hipersexualização dos corpos femininos como objetificação direcionada ao público consumidor de determinado produto/material e/ou para tentar agradar um público específico (na maioria esmagadora dos casos, para homens héteros). O texto apresentado teve origem os debates promovidos nos Encontros com mulheres do Núcleo da União Brasileira de Mulheres em Maricá-RJ. A conquista da liberdade sobre o corpo e a sexualidade integra uma das dimensões de grande importância na luta pela autonomia das mulheres e atravessa a conquista de uma sociedade mais igualitária.^[1] No entanto, essa luta pela autonomia das mulheres não pode se restringir ou limitar a luta pela liberdade e domínio sobre o corpo como única ou primordial no enfrentamento ao machismo e ao sistema capitalista. Isso envolve um processo permanente de ampliação da consciência feminista de desalienação do corpo, da vida e do trabalho.

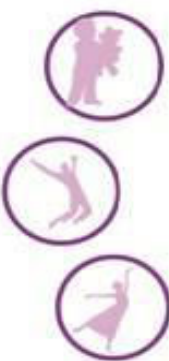
Palavras-chave: Hipersexualização. Objetificação feminina. Empoderamento.

Os efeitos da Hipersexualização e a objetificação do Corpo Feminino

A Hipersexualização do corpo feminino está tão enraizada na sociedade que, conseqüentemente, não construímos o hábito de refletir e/ou questionar atitudes em que o corpo da mulher é estampado nas propagandas publicitárias utilizadas para promover produtos, perfumes, bebidas, carros, times de futebol, escolas de samba, concursos de beleza e etc. Logo, precisamos ficar atentas para perceber que a objetificação do corpo feminino está em nossa cultura cotidianamente e enraizada em todos os meios sociais e, sem refletir sobre os aspectos que alimentam a cultura machista, corremos o risco de reproduzir padrões estabelecidos pelo gênero masculino, onde o corpo feminino torna-se um mero objeto de desejo e consumo, desconsiderando o potencial intelectual e psicológico das mulheres. A banalização da sexualidade e a Hipersexualização do corpo feminino nos meios de comunicação, videoclipes e publicidade caminham junto com a tentativa de reforçar modelos de feminilidade que separam as mulheres entre as “recatadas” e as “vadias” – todas disponíveis para os homens, independente do grupo a que possam pertencer.

¹ Pedagoga, Pós-graduada em Gestão Pública e com Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana. Presidenta na União Brasileira de Mulheres-UBM- no Núcleo Maricá/RJ. Conselheira no CEDIM (Conselho Estadual de Direitos das Mulheres/RJ).E-mail: ladykerlly@icloud.com





É preciso atentar para o fato de que a Hipersexualização e consequente Objetificação do Corpo feminino são as razões fundamentais para alavancar o mundo capitalista do consumo de moda, bebidas, vendendo padrões de comportamento que perpassam por uma ‘liberdade sexual’, impulsionando esta imagem como um potente gancho comercial para vender seus produtos; isso, diga-se de passagem, nada tem a ver com a luta feminista contra a opressão dos corpos. Na verdade, tudo está a venda numa sociedade ultramaterialista, tudo pode ser “usado” para gerar e acumular lucro. A Hipersexualização do corpo feminino rende sempre (e muito!), e a atitude da sociedade sobre a sexualidade feminina e, no mínimo, confusa e cheia de atalhos, ancorada em padrões machistas que enquadram o gênero feminino como um “objeto de consumo”.

Os efeitos da Hipersexualização que alimenta a mídia de insumos de objetificação do corpo feminino, pode ser percebido nas várias etapas da vida da mulher; nota-se que a maioria das meninas crescem sem nenhuma reflexão crítica em relação aos padrões midiáticos, dificultando uma possível saída desse roteiro unilateral que, na verdade, não foi decidido e nem negociado por elas, pois vem do mercado e do gênero masculino.

Podemos citar, como exemplo,


os dados obtidos da França, onde 37% das meninas afirmam estar fazendo dieta, as conversas sobre moda e peso ideal aparecem cedo; as meninas são constantemente estimuladas pela televisão e revistas juvenis e vão assumindo, com uma naturalidade perversa (desprovida de senso crítico) sua condição de objetos sexuais, vão adquirindo a crença de que a sociedade avançou quanto aos conceitos sexuais femininos em relação a opressão do corpo da mulher, garantindo sua suposta “liberdade sexual” que, na verdade acaba sendo ocultada pela objetificação do corpo feminino para satisfazer o desejo masculino. (Fonte: EL PAÍS – BRASIL)

Claro que há um enfrentamento permanente durante a trajetória histórica do feminismo contra as imposições dos modelos capitalistas, racistas e patriarcais de corpo, sexualidade e comportamento, como, também, em relação a organização do trabalho e da família.

O sistema capitalista tem como aliado atual as teorias neoliberais que se manifestam em todas as partes traduzidos no ataque feito pelo capital as condições de vida da maioria da população, forjada e fomentada pelas elites detentoras do poder econômico, midiático, religioso e político com a intenção de frear os avanços e mudanças que ameaçam seu projeto de dominação.

Essa onda neoliberal não tem conseguido minar o crescimento do feminismo, mas todos os dias o mercado mostra suas tentativas de incorporar palavras que o próprio feminismo difunde, esvaziando seus conteúdos e seu sentido transformador.





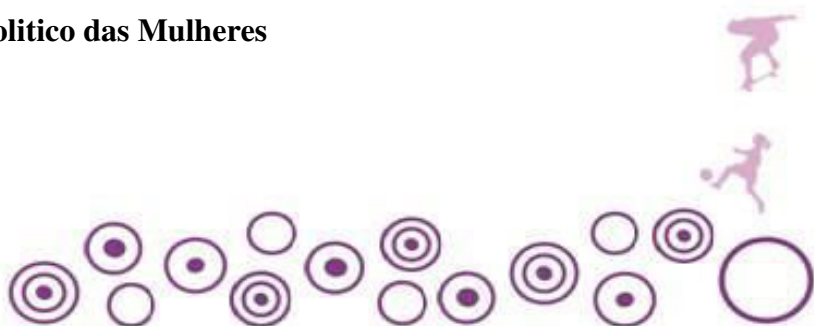
No entanto, percebe-se que há um numero cada vez maior de mulheres questionando as atitudes machistas de diversos pontos de vista e em vários lugares diferentes. Temos visto muitas mulheres tomando as ruas para reivindicar o fim da violência sexista e igualdade no trabalho dentro e fora de casa, exigindo o direito de serem tratadas como iguais e de decidirem sobre suas vidas. Mas, a força coletiva das mulheres torna-se empoderamento individual de poucas quando há o esvaziamento de conteúdos e do real sentido transformador da luta por uma sociedade igualitária.


A diversidade de pensamento dentro da coletividade de mulheres propicia a multiplicação de produtos diferentes e específicos; a mesma engrenagem de exploração de milhares de mulheres permanece funcionando a todo vapor quando incorporamos somente alguns elementos isolados da luta feminista; assim, a estrutura de desigualdade se cria e recria, porque a luta principal é a das classes sociais e isso não podemos perder de vista. Precisamos atuar na construção de uma pauta feminista anti-sistêmica, buscando o enfrentamento simultâneo das dimensões patriarcais, racistas e capitalistas do atual sistema hegemônico da classe dominante, onde os movimentos sociais são instrumentos imprescindíveis nessa construção e enfrentamento dessa luta. Isso requer refletir sobre nosso corpo na relação com as dinâmicas capitalistas, racistas e patriarcais que impõem ritmos, expectativas e, principalmente, exploração da força de trabalho feminino.

A liberdade e autonomia do corpo da mulher é atravessada, dentro da luta feminista, em relação ao corpo que carrega, o sentido integral de ser mulher, que se articula com a luta por igualdade, na transformação do cotidiano, do trabalho e de melhores condições de vida. O corpo não se separa da mente e, nesse sentido, nossa reivindicação de que o corpo nos pertence questiona as formas pelas quais o sistema capitalista interfere e molda os comportamentos, colonizando pensamentos e desejos.

Essa complexa relação social de classe, raça e gênero exige, de cada mulher, a superação de visões simplificadas, desagregadas da totalidade analítica sistêmica e rasa, pois tais condições não conseguem dar conta de expor as dinâmicas da desigualdade e acabam fragmentando as possibilidades de resistência anticapitalista.

Empoderamento social, intelectual e político das Mulheres





Certamente, a conquista da liberdade sobre o corpo e a sexualidade integra uma das dimensões de grande importância na luta pela autonomia das mulheres e atravessa as ambições de alcançar uma sociedade mais igualitária.

No entanto, essa luta pela autonomia das mulheres não pode se restringir ou limitar a luta pela liberdade e domínio sobre o corpo como única ou primordial no enfrentamento ao machismo e ao sistema capitalista; isso envolve um processo permanente de ampliação da consciência feminista de desalienação do corpo, da vida e do trabalho.

A reflexão crítica sobre os processos de empoderamento feminino precisa estar no centro da luta para criar verdadeiras condições de pensar e praticar a autonomia para além do poder de decisão sobre o seu corpo, mas direcionar para o enfrentamento da luta de classes para que todas tenham o direito a uma vida que vale a pena ser vivida.

O empoderamento feminino tem relação com o movimento “que reflete e divulga a ampliação dos direitos civis e políticos da mulher, englobando teoria, prática, ética e torna as mulheres como sujeitos históricos da transformação de sua própria condição social. Propõe que as mulheres partam para transformar a si mesmas e ao mundo”(TEIXEIRA, 2015, p. 2,3).


Podemos dizer que o Empoderamento Feminino está relacionado com a consciência coletiva, expressa por ações de fortalecimento e busca da equidade de gênero. Empoderar-se significa tomar o poder sobre si ou exercê-lo em toda a plenitude.

A trajetória histórica do Empoderamento Feminino vem de longos anos e, ao contrário do que muitos imaginam, não se traduz numa causa individual ou de uma organização. Empoderar uma mulher envolve tudo que qualquer outra pessoa (além dela própria) pode fazer para fortalecer o feminino e desenvolver a igualdade de gênero nos âmbitos onde as mulheres ainda são minoria.

Atitudes de Empoderamento Feminino favorecem toda a sociedade

Em 1789, Olympe de Gouges organizou um grupo de mulheres para protestar contra a “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”. Tal Declaração representou o embrião de um modelo de cidadania que excluía as Mulheres e que acabou por influenciar todo o Ocidente com a sutileza de palavras sexistas. Essa feminista aguerrida redigiu, em 1791, a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, apresentando um teor inclusivo, igualitário e que previa a presença de homens e mulheres na sociedade e na política de forma equilibrada e justa (GERHARD,1995).





Em 1910, foi criado o Dia Internacional da Mulher, como uma Homenagem póstuma ao trágico incêndio que matou mais de 100 mulheres que trabalhavam numa fábrica em Nova Iorque.

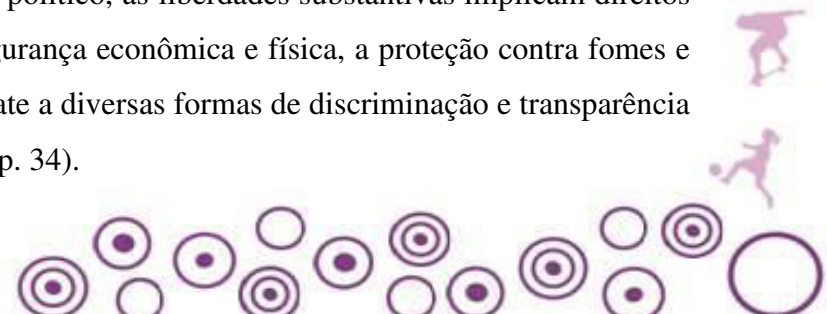
Em 1932, as mulheres conquistaram o direito ao voto opcional no Brasil e, em 1946, ele se tornou obrigatório para homens e mulheres.


Nessa perspectiva de busca pela cidadania feminina, as pioneiras feministas enfatizaram a igualdade de direitos entre os sexos com uma postura enérgica e incisiva. Essa busca pelo Empoderamento Feminino vem sendo construída socialmente, entrelaçado nas lutas cotidianas anti-sistêmicas e anticapitalistas. Os interesses dos grupos economicamente dominantes que usam as características de superioridade de gênero e/ou raça, possuem o objetivo de justificar a opressão exercida para obter vantagens e privilégios.

Ainda se faz necessário lutar pelo Empoderamento Feminino tendo as Mulheres enquanto agentes de transformação social, econômica e política, transformando-se em vetor do desenvolvimento (WEYL, 2010, p. 4). O Empoderamento Feminino transita por vários caminhos, dos quais, podemos ressaltar: no interior da sociedade, pelo reconhecimento dos Direitos das Mulheres, por sua inclusão social, instrução profissional, consciência de cidadania e, também, por sua transformação pessoal em relação ao conceito que cada mulher possui de si mesma, em sua autoestima (FERRARI, 2013, p. 4).

A independência financeira da mulher pressupõe fator imprescindível para sua libertação. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que “a liberdade, vista sob a perspectiva instrumental, classifica-se em cinco tipos distintos de direitos e oportunidades, quais sejam: as liberdades políticas, as facilidades econômicas, as oportunidades sociais, as garantias de transparência e segurança protetiva, favorecendo a redução das desigualdades contra o sexo feminino nas tomadas de decisões familiares, influenciando para a mudança social em geral” (AZEVEDO, 2012, p. 31,34). Estas liberdades influenciam a construção da autonomia feminina e são determinantes para a iniciativa individual e para a eficácia de participação social, melhorando o potencial da pessoa para cuidar de si mesma e para influenciar o mundo, no momento em que participa, verdadeiramente, dos destinos e dos rumos da comunidade em que se insere, como agentes de desenvolvimento e, não somente, meras receptoras passivas e/ou assujeitadas aos princípios estabelecidos nas relações de poder.

Assim, para além do seu aspecto político, as liberdades substantivas implicam direitos que garantam a qualidade de vida, a segurança econômica e física, a proteção contra fomes e doenças tratáveis, mecanismos de combate a diversas formas de discriminação e transparência nas relações sociais (AZEVEDO, 2012, p. 34).





O processo de empoderamento feminino vai assumindo formas democráticas, construindo novos mecanismos de responsabilidades coletivas, de tomada de decisões e responsabilidades compartilhadas. Já dizia a filósofa feminista Simone de Beauvoir:

Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os Direitos das Mulheres sejam questionados. Esses mesmos direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida. (BEAUVOIR,c1991).

Não podemos esquecer que a incorporação massiva das mulheres no mercado de trabalho, apesar de garantir um incremento na renda familiar (ou representar a única fonte de renda da família) e retirar a mulher do isolamento doméstico, não proporcionou uma autonomia do sujeito feminino ou qualquer divisão sexual do trabalho. Na verdade, isso acarretou uma sobrecarga de trabalho (a jornada dupla), aumentando as responsabilidades, na dificuldade de acompanhamento e cuidado dos filhos, numa maior vulnerabilidade ao assédio e a violência sexual.

Os movimento feminista que apresenta o principio de emancipação da mulher como necessidade para garantir equidade, tem procurado demonstrar que a mudança nas leis por si só não é suficiente para promover uma mudança nos comportamentos, nas mentalidades e na estrutura social; as mulheres permaneceram subjugadas à estrutura patriarcal da sociedade e a conquista da igualdade jurídica, que por várias décadas foi meta do movimento feminista, não tem conseguido incorporar as mulheres nesse modelo de cidadania dominante.

A crítica feminista à mercantilização não tem a ver apenas com a forma como as mulheres são representadas pela mídia - apesar disso, basta abrir uma revista de economia para ver homens engravatados representando especialistas e imagens de mulheres brancas-magras-jovens sedutoras e seminuas sendo usadas para vender algum produto para os homens. O capitalismo molda nossos comportamentos e interesses atuando sobre as nossas subjetividades.

Questionar os mecanismos que fazem com que as mulheres estejam todo o tempo disponíveis para os outros é um caminho para articular as resistências que precisamos construir e fortalecer.

Referências

AZEVEDO, Vilma Maria. **Os desafios para o empoderamento da mulher agricultora a partir do programa de aquisição de alimentos:** o caso de Barbacena-MG. Disponível em: <http://locus.ufv.br/bitstream/handle/12345678_9/4179/texto%20completo.pdf?sequence=1&iSAllowed=y>. Acesso em: 07 maio 2017.





BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. São Paulo, 1991.

CARMONA, Olga. **Efeitos da hipersexualização: meninas transformadas em ‘Lolitas’**.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/30/cultura/1496151116_106223>.

Acesso em: 10 jul. 2017.

FERRARI, Rosana. **O Empoderamento da Mulher**. Disponível em:

<<http://www.fap.sc.gov.br/noticias/empoderamento.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

GERHARD, Ute. Sobre a liberdade, igualdade e dignidade das mulheres: o direito “diferente” de Olympe de Gouges. *In*: BONACCHI, Gabriela; GROPPI, Angela (Org.). **O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

TEIXERA, Lisiany Dantas Lopes. **Gênero, cidadania e questão social: o empoderamento**

feminino a partir dos programas sociais. Disponível em:


<[http://fedathi.multimeios.ufc.br/chec/2015/anais/eixo7/g%canero,%20cidadania%20e%20qu est%3o%20social%20%20o%20empoderamento%20feminino%20a%20partir%20dos%20pr ogramas%20sociais.pdf](http://fedathi.multimeios.ufc.br/chec/2015/anais/eixo7/g%canero,%20cidadania%20e%20quest%3o%20social%20%20o%20empoderamento%20feminino%20a%20partir%20dos%20pr ogramas%20sociais.pdf)>. Acesso em: 17 jul. 2017.

WEYL, Luana M. **Combater a feminização da pobreza com empoderamento feminino – a**

experiência do projeto de extensão universitária: “Promotoras Legais Populares” da

Universidade de Brasília. Disponível em: <[http://www.unl.edu.ar/iberoextension/dvd/arc](http://www.unl.edu.ar/iberoextension/dvd/arc hivos/ponencias/mesa4/combater-a-feminizacao-da-po.pdf)

hivos/ponencias/mesa4/combater-a-feminizacao-da-po.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2017.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

